

O Jornal Escolar e a Educação Problematizadora: vislumbrando uma aproximação

Amanda Souza de Miranda

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação
mandinha@gmail.com, amandamiranda@ced.ufsc.br
UFSC, SC

Resumo

Este artigo busca aproximar alguns conceitos presentes na obra de Paulo Freire (interdisciplinaridade, contradição, dialogicidade, problematização, situação e ato-limite) à prática do jornal escolar. O objetivo é fazer uma reflexão inicial acerca das complementaridades existentes entre ambos e entre o campo da educomunicação. Para tanto, faz-se uma breve introdução sobre a temática, buscam-se definições para alguns conceitos explorados no texto e aponta-se um “olhar freiriano” para o jornal escolar, entendido como uma possibilidade de se superar contradições.

Palavras-chave: Jornal escolar, educação problematizadora, educomunicação.

Introdução

Estudar Paulo Freire não é somente refletir sobre educação. Nos tantos textos e livros que produziu, podem-se identificar aproximações com diversas áreas do conhecimento e, a meu ver, o jornalismo é uma delas. Neste sentido, a leitura do ensaio “Extensão ou Comunicação” trouxe a mim questões abrangentes e que perpassam as reflexões mais atuais sobre um tema ainda polêmico e pouco difundido: a democratização dos meios de comunicação de massa.

Como democratização, entende-se a possibilidade de produção e acesso à informação por todos os cidadãos, não somente os privilegiados ou os grandes empresários da mídia. Foi justamente esta necessidade que me mobilizou a tratar do assunto sob a ótica freiriana e da educação problematizadora. Com base em tal contexto, procurarei, ao longo do presente trabalho, trazer à tona contribuições do pesquisador à educomunicação (campo de interface entre Educação e Comunicação), bem como indicar como e por que as atividades com o jornal escolar, quando executadas a partir de uma perspectiva crítica, podem emancipar os educandos, provocando nestes uma re-admiração do mundo.

Entendo como re-admiração do mundo a possibilidade de se adquirir um novo olhar sobre a sociedade e seus problemas – olhar este que não se conforma passivamente diante dos fatos, mas que busca soluções frente à opressão. A meu ver, re-admirar o mundo é, antes de tudo, tornar-se consciente de sua condição anterior e, por isso mesmo, cidadão emancipado e crítico perante o mundo e as situações que o afligem – no caso deste ensaio, a intensa penetração dos veículos de comunicação de massa na atualidade e suas mazelas e benefícios.

É válido destacar que, a fim de cumprir os objetivos do presente trabalho, que é apresentar aproximações entre a prática do jornal escolar a uma educação que entendo como problematicadora, utilizarei termos recorrentes na obra de Freire, tais como interdisciplinaridade, contradição, dialogicidade, problematização, situação e ato-limite, entre outros. Minha intenção é, antes de tudo, mostrar a possibilidade de um veículo de comunicação em gerar, além de saberes escolares, um novo olhar sobre a mídia e sua função na sociedade. Diante disso, apresento, aqui, minha questão norteadora: Como as reflexões de Freire sobre a educação problematicadora podem ser transpostas para as atividades com o jornal escolar a fim de transformá-lo em um instrumento de educomunicação? A seguir, trataremos de forma mais aprofundada os termos "jornal escolar" e "educomunicação", visando buscar uma primeira resposta para tal pergunta.

A educomunicação e o jornal escolar: em busca de definições

Criada em 1987 por Mário Kaplun (*educomunicacion*), a palavra EDUCOMUNICAÇÃO incorporou novos significados ao chegar ao Brasil. Aqui, pode-se dizer que um dos principais teóricos voltados a esclarecer o tema e leva-lo às escolas é o professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Ismar de Oliveira Soares, segundo o qual existem quatro campos de atuação do educador: 1) a Educação para os Meios, promotora de reflexões sobre a formação de receptores críticos; 2) o uso e o manejo dos processos de produção; 3) a utilização das tecnologias de informação e seus produtos no contexto do ensino-aprendizagem; e 4) a comunicação interpessoal no relacionamento de grupos (Soares, 2000).

Segundo sua compreensão, a Educomunicação busca facilitar a produção e difusão da informação, promover a interatividade dos processos de ensino-aprendizagem e fornecer os referenciais teóricos e metodológicos necessários à análise da produção cultural para efeito de uma adequada formação para o relacionamento com o sistema massivo de meios de informação (Soares, 2000). Para tanto, as práticas educacionais privilegiam os conceitos de comunicação dialógica; de ética de responsabilidade social para os produtores culturais; de recepção ativa e criativa por parte das audiências; de política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos pólos envolvidos no processo de comunicação e, conseqüentemente, da ampliação dos espaços de expressão (Soares 2000).

Neste sentido, entendo o jornal escolar como estando intimamente ligado aos objetivos da educomunicação. Se utilizado de forma crítica, tal instrumento pode, além de promover a formação de um receptor consciente por meio do uso e do manejo do processo de produção jornalística, abre um espaço de diálogo na escola (ou fora dela, quando implementado por movimentos sociais) e promove junto aos jovens o conceito de protagonismo social, ampliando espaços de expressão.

As reflexões sobre a educomunicação, entretanto, vão muito além do que está exposto logo acima. Segundo Schaun (2002), trata-se de uma ação política:

Este campo caracteriza-se pelas atividades de intervenção política e social fundamentada na experiência e na formação crítica dos processos históricos, sempre voltadas para uma perspectiva de leitura crítica dos meios de comunicação, atuando no âmbito do ensino formal (...) e não formal

(...), nas empresas, nos meios de comunicação (...), nos movimentos populares, nas organizações não governamentais. (Schaun, Educomunicação – reflexões e princípios, p. 82).

A formação de receptores críticos tem, essencialmente, o papel de contribuir para a formação de cidadãos igualmente “críticos, participativos e inseridos no meio social” (Schaun, 2000, p. 82). É válido inferir que, em uma sociedade cada vez mais permeada de informações vindas das mais diversificadas fontes, saber se “defender” deste bombardeio é uma virtude bastante importante, principalmente para os jovens em formação.

Neste aspecto, gostaria de explicitar, brevemente, minha compreensão teórica acerca do processo de recepção da informação: o da teoria das mediações, desenvolvida por Jesus Martin Barbero (1997). Segundo seu entendimento, a cultura e as instituições, tais como a escola e a família, são instâncias mediadoras do processo de recepção das mensagens. A história de vida do receptor e seu contexto, em tais casos, também contribuiriam para delimitar a forma como ele “recebe” a informação.

Entendo, por meio deste raciocínio, que a escola tem um papel fundamental na forma como o jovem receberá as informações divulgadas pela mídia. Se ela é uma instância mediadora, nada mais adequado do que voltar seus olhos para a educomunicação, ou seja, para a formação de receptores mais críticos.

De acordo com Braga & Calazans (2001), entretanto, ainda existe uma dualidade nesta perspectiva. Conforme apontam os autores, mesmo sendo mais críticos e não sendo considerados receptores passivos, os usuários não teriam condições de agir concretamente sobre as mensagens e a televisão e o jornal seriam acusados de não interativos.

Esta não interatividade, contudo, é outra “zona de combate” para a educomunicação. Além de formar receptores críticos, este novo campo do saber visa, também, transformá-los em cidadãos participativos. Com base nisso, produzir um veículo de comunicação na escola, por exemplo, seja ele rádio, jornal ou televisão, seria fugir das amarras da mídia não interativa e fornecer espaço para que todos os envolvidos digam o que pensam e exponham os temas que acharem mais prementes, sempre levando em conta a opinião de seus colegas e professores.

Muito se tem pensado a respeito da potencialidade do jornal escolar. Professores de língua portuguesa fizeram dele um aliado, estudantes descobriram a possibilidade de ter voz entre os colegas e professores, temas desimportantes para a mídia passaram a compor o leque dos assuntos da escola. Entendeu-se que o ato de levar os meios de comunicação à escola poderia extrapolar o simples trabalho com jornais e revistas nacionais, favorecendo o surgimento de outras habilidades que não o incentivo à leitura.

Desta forma, sua finalidade passou a ser diferente de acordo com o desejo de cada professor: de auxiliar na aprendizagem da língua a potencializador e propagador do diálogo, este instrumento pode ser útil sob os mais diferentes pontos de vista. A aprendizagem política, segundo Nogueira (1986) também pode ser um viés do jornal: “O pequeno jornal permite que o controle seja descentralizado, que cada receptor seja um transmissor em potencial, além de possibilitar feedback constante e produção coletiva. Isto resulta num processo de aprendizagem política”.

Isso significa que atividades relacionadas aos meios de comunicação devem ser pensadas de modo a potencializar a reflexão nos educandos e não somente de oferecer informações que de outra forma não teriam espaço no ambiente escolar. Os estudantes, além de fazerem uso das ferramentas dos meios, devem pensar sobre ele e sobre como ele atua na sociedade, tornando-se cidadãos críticos e maduros para consumirem seus produtos.

Entretanto, tal atividade também pode ser objeto de crítica se pensarmos nela como tendo o único objetivo de ensinar algo. Ijuim (2000) tem um olhar bastante peculiar sobre o assunto. De acordo com ele, o jornal não deve ser somente um espaço no qual os alunos publicam seus textos ou exercitam sua narrativa. Deverá, sim, ser "canal de expressão de pensamento e opiniões dos pequenos seres que crescem, de verbalização de sua observação e reflexão de mundo".

Este mesmo autor defendeu duas dissertações e uma tese (2002) sobre o tema, sempre conectando o jornal escolar à capacidade de gerar vivências humanas, de humanizar a escola e o convívio entre os seus participantes. Para tanto, sua compreensão é de que a forma final do produto - se é bonito, feio, grande ou pequeno - não teria a menor importância frente ao processo do desenvolvimento e de reflexões sobre o veículo. De acordo com ele, é aí que se gera o aprendizado.

O autor entende o jornal escolar como sendo um "instrumento complexo" e não como mero instrumento didático, de aquisição de conhecimentos (neste caso científicos). Com base nisso, tentarei ampliar a capacidade deste veículo "para além do seu caráter utilitário" e entendê-lo como "instrumento complexo que promova o exercício e a incorporação de posturas - atitudes, valores, uma polaridade de espírito que o siga por toda a vida".

A educomunicação e o jornal escolar: superando contradições

Acima, coloquei algumas definições de educomunicação e do jornal escolar. Neste espaço, procurarei abranger ambos segundo a ótica de Paulo Freire, sobretudo no que se refere às contradições, que devem estar presentes em uma educação que se queira problematizadora. Antes, entretanto, cabe abrir um parêntese para explicitar a visão do autor acerca da educação bancária em contraposição à crítica.

Em "Pedagogia do Oprimido", o educador afirma ser a concepção bancária (na qual ocorrem depósitos de conteúdo) um instrumento de opressão. Seu entendimento é de que, a partir desta visão, o "saber" é uma doação dos "sábios" aos "ignorantes", o que faz destes últimos verdadeiros dominados. Ao contrário desta, a educação problematizadora tem no diálogo sua principal característica. Ao invés de simplesmente jogar conteúdos ao vento, o educador trabalha de forma a propiciar o diálogo entre o conhecimento do aluno e o científico, respeitando a realidade na qual estão imersos e possibilitando uma visão crítica a respeito da mesma.

Há, no meu entender, a possibilidade de compararmos a educação bancária com a atuação dos meios de comunicação de massa, permitindo-nos a visualização de uma primeira contradição. Penso que, tal como um educador "bancário", os grandes veículos de comunicação acabam por oprimir grande parte de seus receptores, relegando a eles o papel de homens que necessitam de informação para terem espaço na sociedade. Neste sentido, a mídia é o verdadeiro "Messias", que livrará uma massa, mesmo não homogênea,

da ignorância absoluta. A esta mesma massa, cabe o único papel de receber (de forma passiva ou não) a verdade, de preferência sem contestá-la ou questioná-la.

Aqueles que não se enquadrarem neste modelo, serão excluídos da chamada "sociedade da informação". O cidadão que não assistir os jornais da Globo, não ler diariamente os sites de notícia e não saber de cor pelo menos uma manchete do jornal diário, possivelmente será taxado de desinformado e ignorante – como se estes veículos de comunicação tivessem o poder de levar a verdade a uma massa ávida por informações. Como se quem não tivesse acesso à versão transmitida por eles, estivesse distante dos fatos e do mundo.

Esta comparação foi expressa por Sérgio Guimarães em entrevista a Meditsch & Faracco (2002):

(...) se você considera toda a crítica que o Paulo faz, através de uma idéia que ele desenvolveu bem, a educação bancária, você pode transferir essa crítica também à ação de diversos meios de comunicação que, ao invés de estimular a curiosidade, o exercício crítico por parte dos leitores, ouvintes ou telespectadores, na verdade exercem um mero trabalho de transmissão de informações, como se eles fossem latas vazias que devem ser preenchidas com determinados conteúdos. (Sérgio Guimarães, in: Meditsch & Faracco. O pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia.)

Visualizo, aqui, uma primeira contradição. Se lembrarmos que os meios de comunicação têm concessões temporárias concedidas pelo Governo e que, justamente por isso, são um bem que pertence ao povo e não aos grandes empresários, fica a pergunta: como e por que só alguns detêm o direito de produzir e difundir, tal como na educação bancária, a informação? Em que medida esta informação realmente interessa aos cidadãos e estimula sua capacidade crítica? Estas são questões cada vez mais latentes e motivaram, inclusive, o surgimento de fóruns como o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Rádios comunitárias e a televisão digital são possíveis instrumentos contra o monopólio, mas enquanto não forem de fato difundidos, iniciativas como a do jornal escolar podem fazer a diferença.

Tomo a liberdade de fazer uma comparação desta questão com o que Paulo Freire, em Pedagogia do Oprimido, afirma ser o tema (gerador) mais amplo de nossa época: a libertação em contraposição à dominação. Entendo, aqui, que a democratização em contraponto ao monopólio dos meios pode ser tratada como um subtema deste problema maior. Os indivíduos estarão de fato livres à medida que não dependerem de um "Messias" para se informarem e compreenderem o mundo em que vivem.

Com base nisso, proponho uma primeira aproximação do jornal escolar com o pensamento de Paulo Freire. Se o monopólio dos meios de comunicação é, ainda, insolúvel, como fazer com que os educandos, além de entenderem este fato, possam se transformar em produtores da informação? Como fazer com que tenham um olhar sobre o mundo diferente daquele difundido pela mídia? São questões que, abaixo, procuro debater.

A educação problematizadora e um olhar freiriano sobre o jornal escolar

A educação bancária é um dos pontos mais criticados por Freire em suas obras. Opressora, trata o estudante como um verdadeiro receptáculo de conhecimento. Oprimido, o educando resigna-se a decorar dados e fatos que não fazem parte do seu cotidiano e que, muitas vezes, não terão qualquer validade para eles fora do ambiente escolar. A educação problematizadora, ao contrário, preza o diálogo entre os

conhecimentos e o respeito entre os homens. O educador e o educando aprendem juntos a pronunciar o mundo, e o conhecimento em questão está expresso, de alguma forma, na vida dos estudantes.

De acordo com Freire (2002), uma das características da teoria da ação antidialógica é a invasão cultural, a partir da qual os invadidos, proibidos de dizer a sua palavra e expressar a sua voz, escutam a palavra dos invasores como se esta fosse a salvação. Neste sentido, o jornal escolar pode dar a possibilidade e o espaço para que os educandos, sejam eles crianças, jovens ou adultos, expressem sua visão de mundo. Os "invadidos" ganham a possibilidade de tornarem-se detentores da palavra, sem, entretanto, ocuparem a posição de invasores. Conforme aponta IJUIM (2000), abre-se a possibilidade de ouvir o que o outro tem a dizer:

(...) o jornal escolar deixará de estar restrito às notícias e de servir apenas de boletim pelo qual os alunos exercitam melhor técnica narrativa; será, isto sim, canal de expressão de pensamento e opiniões dos pequenos seres que crescem, de verbalização de sua observação e reflexão de mundo. (IJUIM, J.K. Jornal Escolar – Do instrumento didático ao instrumento complexo, p 05).

Segundo esta compreensão, o jornal escolar abre uma possibilidade de romper com a invasão cultural, tanto por parte da mídia, quanto por parte do educador que não dialoga e que apenas transmite conhecimentos. Ao redigir uma matéria sobre Ciência e Tecnologia, por exemplo, o educando-jornalista possivelmente terá uma visão diferente daquela que lhe é passada pela grande mídia e, conseqüentemente, entenderá que nem sempre o que chega a ele deve ser tomado como verdade inquestionável, superando, desta forma, a crença generalizada de que o jornalismo é o espelho da realidade.

Além disso, tal atividade poderá possibilitar a superação da contradição que expusemos logo acima: o monopólio dos veículos de massa x democratização dos meios. Ao entender que pode se tornar um produtor de informação, o educando também deverá compreender que não depende da grande mídia para se informar e que ele próprio pode criar um jornal para o seu bairro ou sua comunidade. É um exemplo do que Freire chama de "ato-limite", desembocado após a percepção de uma "situação limite" (Freire, 2005).

O ato-limite, neste caso, seria a compreensão de que é possível fazer algo frente ao monopólio das grandes empresas de comunicação, enquanto a situação-limite seria justamente a existência deste monopólio. A meu ver, o jornal escolar, ao colocar os educandos em contato com a rotina jornalística e todos os seus percalços, poderá fazê-los compreender que existem fatores externos à mídia que fazem as notícias serem como são, tais como: pressão comercial, pressão editorial, entre outras. Percebendo os meios de comunicação de uma forma mais crítica e tornando-se produtores da informação, os educandos poderão se ver no papel de protagonistas sociais.

Este é outro dos objetivos da educomunicação. A partir da problematização dos meios de comunicação e de uma percepção mais crítica da realidade, abre-se a possibilidade de que os próprios educandos, junto aos educadores ou mesmo de forma autônoma, tornem-se veiculadores da informação. Desta forma, tudo o que a grande mídia deixa em segundo plano pode ser abordado de forma aprofundada em um jornal do bairro, da igreja ou da comunidade.

Outro aspecto levantado por Freire e que pode ser contemplado pelo jornal escolar é a criação de um ambiente no qual o diálogo tem papel central. Além da possibilidade de tornar a escola um lugar mais democrático, onde educandos, educadores e a direção se unem para elaborá-lo e discuti-lo, o jornal escolar pode propiciar um diálogo entre os conhecimentos comum e científico.

Construindo um texto sobre drogas, por exemplo, o jovem fará pesquisas e conversará com especialistas no assunto. Além disso, dependerá também da orientação do professor. Todo este processo contribui para a aprendizagem por tratar-se de uma educação COM o aluno e não SOBRE o aluno (Freire, 2005).

Também é válido destacar que, por ser o diálogo “o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam” (Freire, 2002), o jornal escolar acaba se tornando um instrumento agregador na escola. Agregador pois une a comunidade escolar no sentido de discutir como deve ser o veículo, como devem se comportar os jornalistas e que tipo de informação eles querem receber. Ocorre, neste caso, a formação de um “ecossistema comunicativo participativo”, conforme lembrou Soares em uma entrevista a SEABRA (2005):

É um conceito que deriva da imagem que temos do ecossistema biológico (...). O caso da comunicação é igual. Nós temos ecossistemas comunicativos autoritários quando um grupo domina outros grupos humanos e temos um ecossistema participativo, dialógico, democrático, quando os fluxos de comunicação são mais livres e mais autênticos. (SEABRA, Sergio. O possível (e necessário) diálogo entre Mídia e Escola).

Como prática educomunicativa, é inevitável que o jornal escolar privilegie a formação de um ecossistema aberto e dialógico. É a partir de conversas e discussões que o produto final terá a “cara” da escola e tratará dos assuntos que efetivamente interessem aos leitores. Mais do que auxiliar a aprendizagem de conteúdos disciplinares, este instrumento visa à humanização e a preparação crítica para a mídia.

Outra característica abordada por Freire e contemplada pelo jornal escolar é a interdisciplinaridade. Não cabe somente à professora de Língua Portuguesa fazer dos jovens os repórteres do veículo. Os demais educadores também devem participar do projeto, sugerindo pautas (os temas a serem tratados) e propondo o intercâmbio com os seus colegas. Em um texto sobre o aquecimento global, por exemplo, pode-se envolver as disciplinas de História, Geografia, Biologia, Física, Química e outras. O interessante disso, além da possibilidade de gerar um diálogo de conhecimentos, é que o jornal escolar pode ser utilizado como instrumento didático pelos educadores de forma interdisciplinar. Desta forma, os próprios educandos serão os autores dos textos por meio dos quais poderão compreender algumas disciplinas.

Considerações finais

Um trabalho como estes, de caráter exploratório, não pretende chegar a conclusões finais, nem mesmo esgotar um assunto ainda incipiente tanto no ambiente escolar, como no jornalístico. Como expus anteriormente, meu objetivo foi traçar algumas aproximações entre as idéias de Paulo Freire e o jornal escolar como potencializadora de uma educação problematizadora e dialógica.

Desta forma, entendo que são necessárias pesquisas, inclusive de caráter empírico, sobre o assunto, a fim de investigar até que ponto o jornal escolar pode emancipar os educandos, tornando-os mais críticos com relação à mídia e fazendo-os ver que eles também podem ser produtores da informação – que não precisam esperar passivamente pelas notícias do dia.

Com base nisso, minha dissertação buscará abordar o tema nas aulas de Biologia, espaço no qual implementaremos um jornal escolar que busque tornar os educandos mais críticos com relação à informação científica, preparando-os para serem produtores de uma informação alternativa, que não tem espaço na mídia comercial. Embora não utilize categorias freirianas em meu trabalho, entendo que elas estejam nele presentes, mesmo que de forma implícita – é com o diálogo, a interdisciplinaridade e a visualização de algumas contradições que pretendo fazer com que os estudantes re-admirem o mundo e o enfrentem de forma crítica e madura.

Referências

- BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. 2001. *Comunicação & Educação: questões delicadas na interface*. São Paulo, Hacker.
- FREIRE, P. 2005. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. 2002. *Extensão ou Comunicação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- IJUIM, J. K. 2001. Jornal Escolar e Vivências Humanas. *In: Congresso Brasileiro de Comunicação (Intercom), XXIV, 2001, Campo Grande. Anais do XXIV Intercom*. São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 01-11.
- _____. 2001. Jornal Escolar e suas contribuições para o desenvolvimento de atitudes. *In: Congresso Brasileiro de Comunicação (Intercom), XXIV, 2001, Campo Grande. Anais do XXIV Intercom*. São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 01-13.
- _____. 2000. Jornal Escolar – Do instrumento didático ao instrumento complexo. *Eccos revista Científica*, 2(2):, dez. 2000. São Paulo, Centro Universitário Nove de Julho.
- _____. 2000. *Jornal Escolar e Vivências Humanas: Teoria e Técnicas em apoio a professores do Ensino Fundamental e Médio*. Mato Grosso Do Sul, Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul.
- MARTIN-BARBERO, J. 1997. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio De Janeiro, UFRJ.
- MEDITSCH, E.; FARACO, M. O pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/departamento/eduardo-meditsch.html>, acesso em 10/01/2006.
- SEABRA, S. O possível (e necessário) diálogo entre Mídia e Escola. Disponível em: http://www.portalgens.com.br/downloads/o_possivel-e_%20necessario-dialogo-entre-midia-escola.doc, acesso em 01/04/2005.
- SCHAUN, A. 2002. *Educomunicação: Reflexões e Princípios*. Rio de Janeiro, Mauad.

SOARES, I. de O. Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: o caso dos estados unidos. Disponível em: http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs_revistas/eccos/eccos_v2n2/eccosv2n2_ismardeoliveira.pdf, acesso em 27/03/2006.